

CARTA MENSAL

JUNHO 2026

CENÁRIO POLÍTICO E MACROECONÔMICO

Como foi junho:

O mês de junho começou com sinais de estabilização da atividade econômica global, conforme indicado pelos PMIs de maio, divulgados no início do período. A resiliência da atividade, que já havia se manifestado no mês anterior, foi reforçada pela expectativa de encerramento das hostilidades no Oriente Médio e pela iminente reabertura do Estreito de Ormuz. Do lado dos preços, os PMIs apontaram uma redução marginal das pressões inflacionárias, embora estas permaneçam em níveis elevados.

Nos Estados Unidos, os indicadores do mercado de trabalho mostraram, pelo segundo mês consecutivo, uma criação de vagas acima das expectativas, contribuindo para reduzir as preocupações com uma eventual desaceleração da economia. Ao mesmo tempo, os indicadores de inflação continuaram sinalizando um cenário desafiador. Nesse contexto, em sua reunião de 17 de junho, o Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC) do Federal Reserve (Fed) decidiu manter a taxa básica de juros inalterada.

Essa foi a primeira reunião do FOMC sob a presidência de Kevin Warsh. Conhecido por suas críticas à condução da política monetária nos últimos anos, Warsh promoveu mudanças relevantes já em sua estreia. O comunicado da decisão foi significativamente mais conciso do que o habitual. Além disso, optou por não incluir suas projeções individuais no Sumário de



Projeções Econômicas (SEP), documento que reúne as estimativas dos membros do Comitê para inflação, atividade, mercado de trabalho e trajetória dos juros, e anunciou a criação de grupos de trabalho voltados a cinco áreas específicas de atuação do Fed. Vale destacar que o SEP refletiu um Comitê relativamente inclinado a considerar novas elevações de juros ainda neste ano, enquanto Warsh afirmou ser contrário a qualquer sinalização antecipada sobre os próximos passos da política monetária.

No restante do mundo, destacou-se o movimento dos principais bancos centrais em direção a uma postura monetária mais restritiva. Em junho, o Banco do Japão (BoJ) e o Banco Central Europeu (ECB) elevaram suas taxas de juros. Já o Banco da Inglaterra (BoE) manteve a taxa básica inalterada, embora parte dos membros de seu comitê de política monetária tenha votado por um aumento.

No Brasil, o cenário econômico permaneceu marcado pela divulgação de indicadores de atividade, mercado de trabalho e inflação que seguiram apontando uma economia resiliente e uma inflação persistente, acompanhada de nova deterioração das expectativas inflacionárias para horizontes mais longos. Nesse ambiente, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central decidiu dar continuidade ao processo de flexibilização monetária com uma nova redução de 25 pontos-base da taxa Selic, em sua reunião de 17 de junho. Embora amplamente esperada, a decisão não foi consensual, diante das preocupações com a dinâmica inflacionária.

O comunicado divulgado após a reunião foi interpretado como pouco claro, aumentando a volatilidade nos mercados. Posteriormente, a ata do Copom, publicada em 23 de junho, e a coletiva realizada após a divulgação do Relatório de Política Monetária, em 25 de junho, ajudaram a reduzir parte das incertezas, embora algumas dúvidas sobre a condução da política monetária tenham permanecido. No campo político, seguiram os desdobramentos das investigações envolvendo o Banco Master e seus potenciais impactos sobre o cenário eleitoral de outubro.

O que observar em julho:

Julho começou com a divulgação dos PMIs de junho, que voltaram a indicar, ainda que com diferenças entre as principais economias, um quadro de atividade resiliente e uma moderação gradual das pressões inflacionárias, embora estas permaneçam relevantes.

Nos Estados Unidos, a divulgação dos dados de mercado de trabalho de junho, em 2 de julho, trouxe sinais mistos. A criação de empregos ficou significativamente abaixo das expectativas, enquanto os números referentes a abril e maio foram revisados para baixo. Em contrapartida, a taxa de desemprego recuou, movimento explicado, em grande parte, pela redução da população economicamente ativa. O conjunto desses indicadores foi interpretado como um sinal de menor pressão sobre o mercado de trabalho, provocando queda nas taxas de juros de mercado e enfraquecimento do dólar. Ao longo do mês, a atenção dos investidores continuará voltada para os indicadores de atividade e inflação, que serão determinantes para as expectativas em relação à próxima reunião do FOMC, marcada para 29 de julho.



MERCADOS E ESTRATÉGIAS

Junho foi um mês em que a atenção dos investidores se dividiu entre a continuidade do ciclo de cortes de juros no Brasil e um cenário global em que as preocupações voltaram a girar em torno da inflação. A perspectiva de trégua no Oriente Médio e a reabertura do Estreito de Ormuz aliviaram os preços de energia e reduziram o prêmio de risco geopolítico, mas a leitura mais dura dos bancos centrais e a resiliência da atividade mantiveram os mercados em compasso de cautela.

Nos Estados Unidos, um mercado de trabalho ainda firme e indicadores de inflação que seguiram pressionados levaram o Federal Reserve a manter os juros inalterados em sua reunião de junho. Foi a primeira decisão sob o comando de Kevin Warsh, cujas primeiras comunicações adotaram um tom cauteloso quanto à convergência da inflação americana para a meta e, com projeções que admitem novas altas ainda em 2026, adicionaram um ponto extra de atenção sobre o rumo da política monetária.

No Brasil, o Copom deu sequência ao afrouxamento com mais um corte de 25 pontos-base, mas o mercado passou a precificar o encolhimento do espaço para novas reduções. A inflação resistente, as expectativas ainda desancoradas e um quadro fiscal que segue pressionando os prêmios de risco resultaram em abertura da curva de juros ao longo do mês. O noticiário político, com a aproximação das eleições de outubro, somou-se a esse pano de fundo e ampliou a volatilidade dos ativos locais.

Na renda variável, o desempenho foi negativo no Brasil e misto no exterior. As bolsas americanas recuaram, enquanto Europa e Ásia terminaram o mês em alta, ainda sustentadas pela demanda ligada ao ciclo de investimentos em inteligência artificial — tema que começa a pressionar preços na cadeia de suprimentos, sobretudo no mercado de memórias para *data centers*. A estreia bem-sucedida da SpaceX na Nasdaq inaugurou um ciclo de ofertas potencialmente relevantes para o segundo semestre e virou referência para a precificação do setor de tecnologia. No mercado doméstico, a bolsa voltou a cair, pressionada pela saída de estrangeiros e por fundamentos que seguem pouco favoráveis aos ativos locais.

No câmbio, o real perdeu terreno e devolveu parte da valorização acumulada nos meses anteriores, em movimento associado ao fortalecimento global do dólar e à perspectiva de um diferencial de juros mais estreito à frente. Já no segmento de juros, a abertura das curvas refletiu a reavaliação das apostas para a política monetária, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos.

Diante desse quadro, seguimos privilegiando disciplina na alocação e critério na exposição ao risco, num ambiente que ainda exige atenção aos rumos da inflação, à condução dos bancos centrais e ao desenrolar do cenário político e geopolítico. Nossa alocação busca equilibrar exposição a ativos de risco com instrumentos de proteção, preservando disciplina na avaliação de preços e flexibilidade para capturar oportunidades em um ambiente mais volátil. Com isso, nossa estratégia segue orientada pelas seguintes diretrizes:

- 1. Juros Reais:** Mantivemos as posições, considerando o nível historicamente atrativo dos ativos indexados à inflação, que voltaram a ganhar prêmio com a abertura da curva.
- 2. Juros Nominais:** Reduzimos a exposição a taxas prefixadas, diante de um cenário menos propício a cortes de juros e da reprecificação altista observada no mês.
- 3. Crédito Privado:** Mantivemos a alocação com postura seletiva, evitando emissões de menor qualidade e monitorando o impacto dos ativos de maior volatilidade.

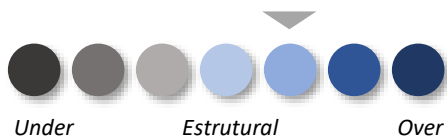


4. **Multimercados:** Mantivemos as posições em estratégias de multimercado, acompanhando os efeitos sobre a volatilidade das cotas.
5. **Renda Variável:** Seguimos cautelosos com a classe, diante da ausência de suporte no fluxo e de um cenário de política monetária ainda desfavorável.

Permanecemos atentos a um ambiente global em transição, marcado pela persistência de riscos geopolíticos, por maior incerteza inflacionária e por condições financeiras mais restritivas. Nossa atuação segue pautada na gestão ativa, com foco na busca de retorno, aliada ao rigor na execução e à preservação de capital.



1. Renda Fixa



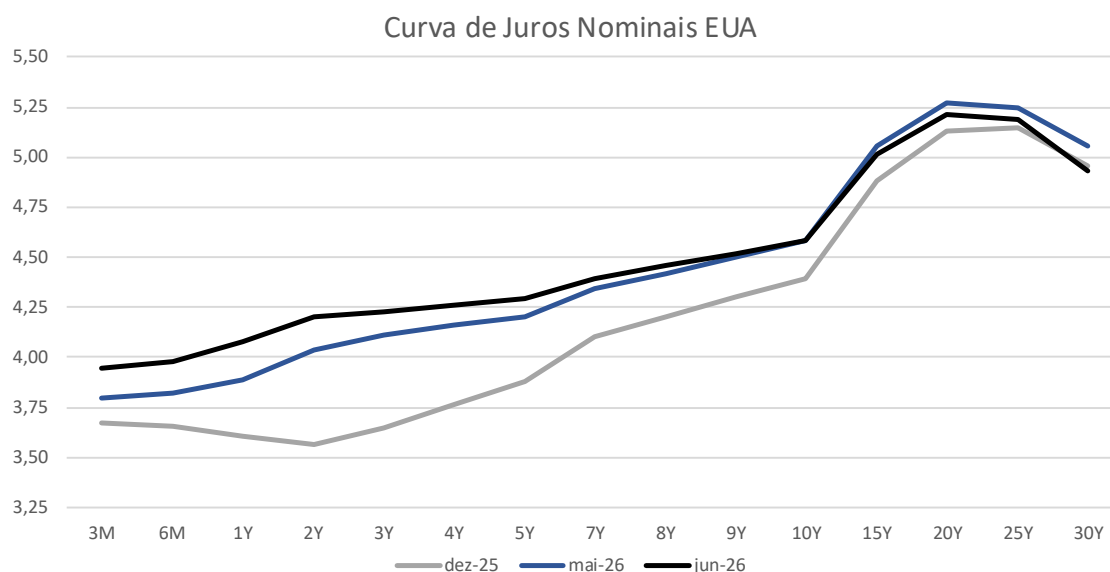
Junho foi um mês volátil para a curva de juros doméstica, e o saldo acabou sendo de abertura das taxas. O Banco Central seguiu cortando a Selic, mas o ambiente fiscal, a inflação e o cenário externo pesaram mais, empurrando os juros para cima ao longo do mês.

O Copom levou a Selic a 14,25% ao ano, com mais um corte de 25 pontos-base. A decisão não era consensual entre os economistas, sobretudo depois da piora recente no quadro de inflação. O ritmo de queda continua lento e pode até já ter chegado ao fim, num momento em que as expectativas de inflação seguem desancoradas e as projeções para o horizonte relevante ainda rodam acima da meta. Com a atividade resiliente e o mercado de trabalho apertado, ficou claro que há pouco espaço para acelerar os cortes.

O fiscal ajuda a explicar por que os prêmios nos vencimentos intermediários e longos não cedem. Enquanto a trajetória de endividamento continuar subindo, a curva vai cobrar mais para financiar os prazos mais longos. Isso mantém a preferência relativa pelos pós-fixados e pelos papéis de *duration* mais curta.

No cenário externo, o Federal Reserve manteve os juros parados na reunião de 17 de junho, a primeira sob o comando de Kevin Warsh, e as projeções mostraram um comitê disposto a admitir novas altas ainda em 2026. A contrapartida veio do petróleo, que recuou depois do acordo entre Estados Unidos e Irã para encerrar o conflito e reabrir o Estreito de Ormuz.

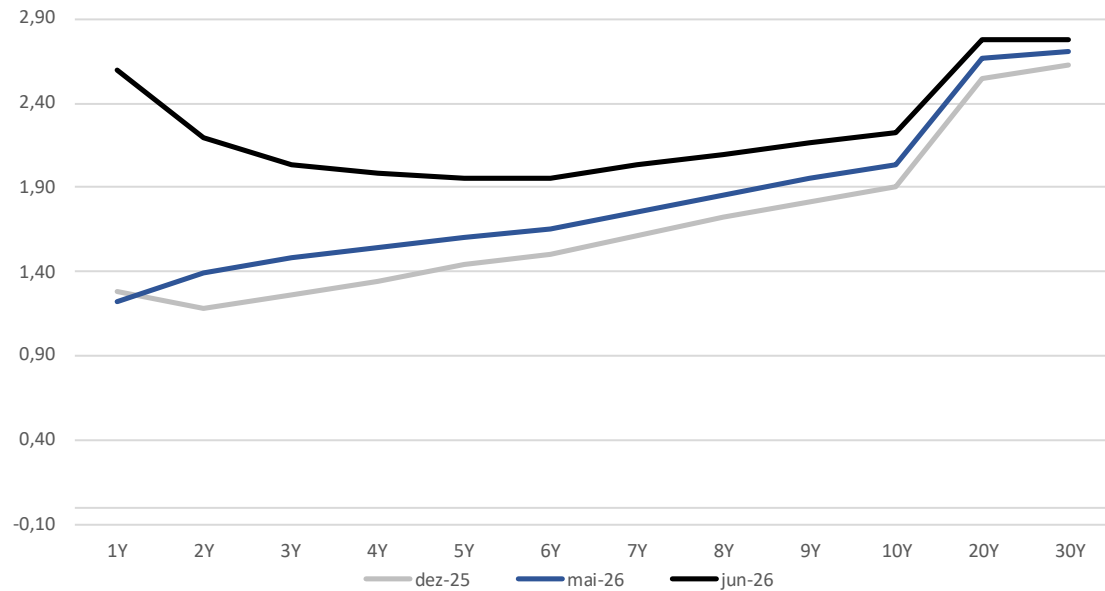
O movimento de abertura de taxas no Brasil foi significativo com o DI Jan/29 subindo de 13,84% para 14,07% e o DI Jan/31 avançando de 13,88% para 14,16% durante o mês.



Fonte: Bloomberg / Elaboração: Azimut Brasil Wealth Management

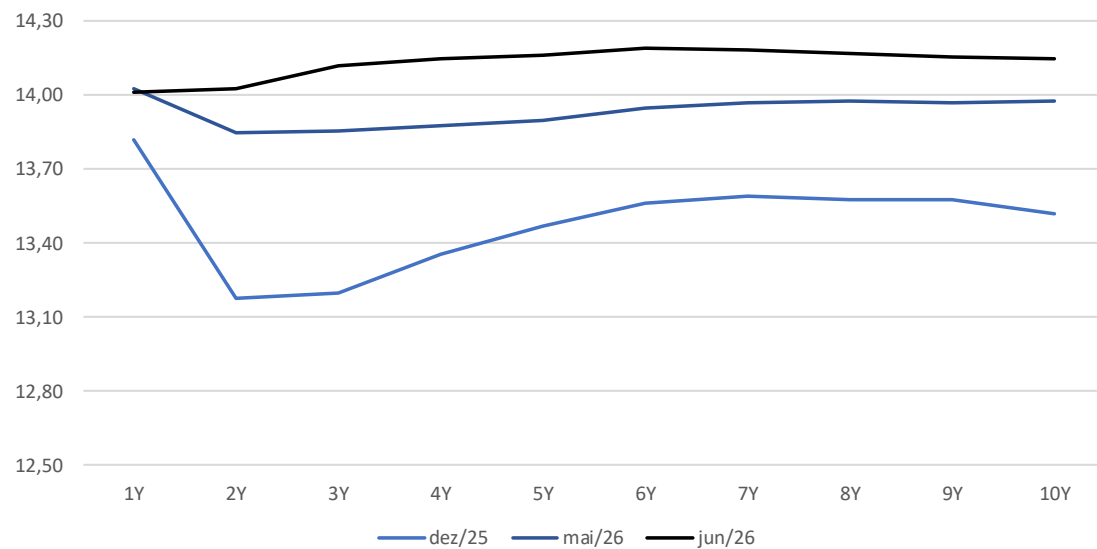


Curva de Juro Real USA

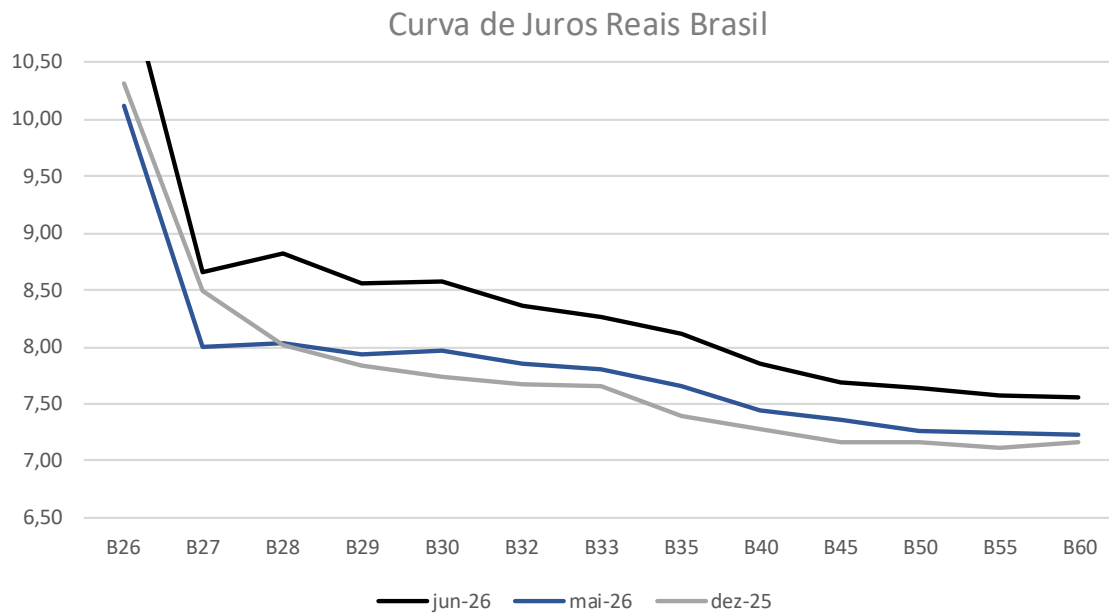


Fonte: Bloomberg / Elaboração: Azimut Brasil Wealth Management

Curva de Juros Nominais Brasil

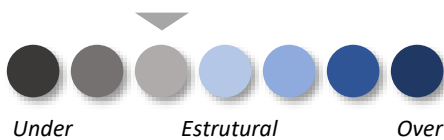


Fonte: Bloomberg / Elaboração: Azimut Brasil Wealth Management



Fonte: Bloomberg / Elaboração: Azimut Brasil Wealth Management

2. Crédito Privado



Em junho, o índice IDEX-CDI registrou alta de 1,46% (equivalente a 130,45% do CDI), encerrando o mês com carregio de 2,52% e uma abertura de 7 bps em relação a maio — movimento explicado pela recomposição do índice, uma vez que a maior parte dos ativos apresentou fechamento de spreads.

O último mês do semestre apresentou mais um período de recuperação da classe, após os eventos de crédito de Braskem, Raízen e GPA. É possível verificar que alguns ativos considerados mais alavancados, ou que passaram por desafios operacionais nos últimos 12 meses, ainda apresentam *yields* elevados. No entanto, ativos considerados *ultra high grade* já negociam a taxas inferiores às do final de 2025.

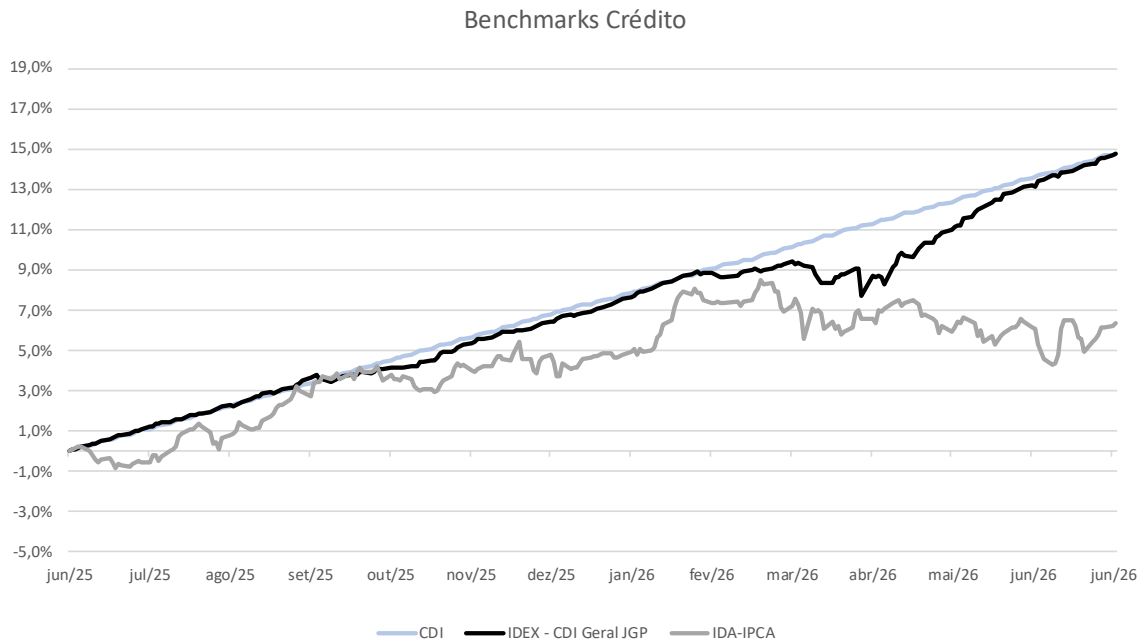
No âmbito dos eventos de crédito, o plano de recuperação da Raízen já obteve aprovação de mais de 50% dos credores, representando um passo importante para a reestruturação do seu passivo. Agora, gestoras especializadas em ativos estressados buscam comprar ativos de crédito da empresa, com interesse na participação societária após a conversão da dívida em *equity*. Destaque também para a Braskem, que protocolou uma tutela cautelar e obteve na Justiça a suspensão das execuções de suas dívidas por 60 dias, ganhando tempo para reestruturar um passivo que ultrapassa os R\$ 50 bilhões. A empresa tenta evitar uma recuperação judicial tradicional, buscando um plano de renegociação extrajudicial.

Em termos de performance, a maior parte das debêntures apresentou fechamento de spreads, com destaque para os títulos de Tupy e Cosan. Por outro lado, os ativos atrelados à inflação registraram rentabilidade inferior ao CDI no período, pressionados pela abertura dos juros reais: o IDA-IPCA caiu 0,07%, enquanto o IDA-Geral avançou 0,61%.

Segundo dados da ANBIMA, os fundos de crédito privado (Grau de Investimento e Crédito Livre) registraram captação líquida negativa de R\$ 5,4 bilhões em junho, mas ainda mantêm um saldo positivo acumulado de R\$ 77,8 bilhões em 2026.

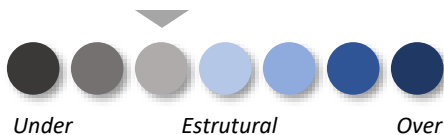
No mercado primário, os destaques foram as emissões de:

- **CEMIG GERAÇÃO:** R\$ 2,0 bi (CDI + 0,70%, vcto. 06/2031).
- **LOCALIZA S.A.:** R\$ 1,80 bi (CDI + 1,25%, vcto. 06/2033).



Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Azimut Brasil Wealth Management

3. Multimercados

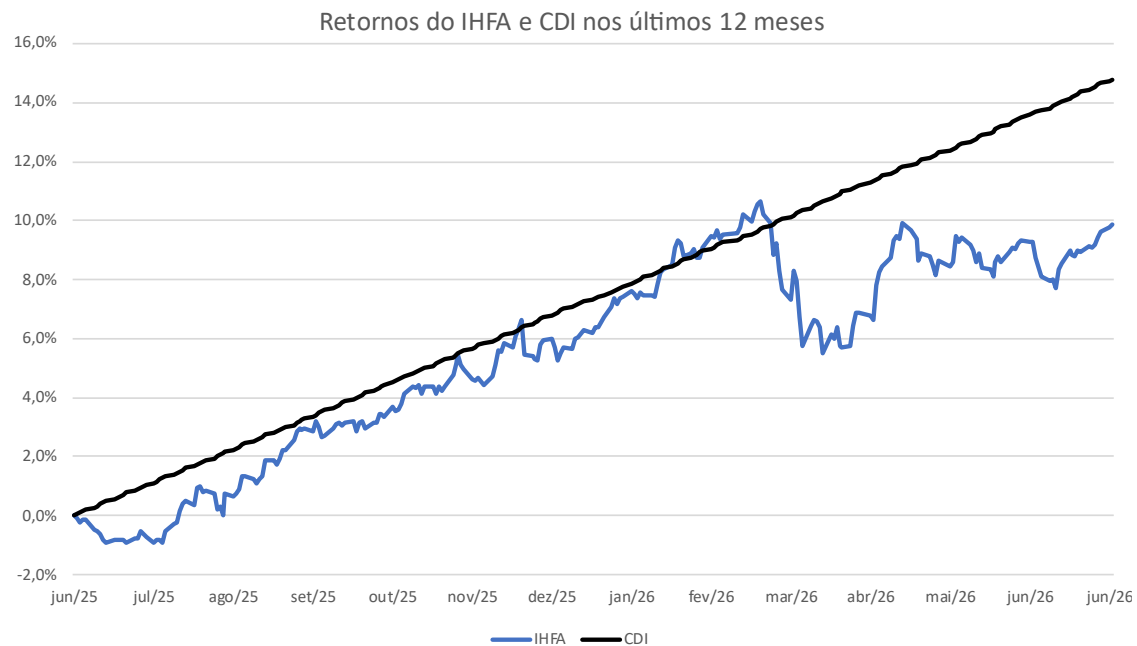


O IHFA apresentou performance positiva, com rentabilidade de 0,51%, equivalente a 45,82% do CDI no mês. No ano, o índice acumula alta de 3,26% (47,62% do CDI) e, em 12 meses, de 9,87% (66,77% do CDI).

Os fundos multimercados voltaram a registrar um mês de forte dispersão de retornos. O padrão também se repetiu: início negativo, com os ativos locais pressionados pela deterioração do quadro político e pelo receio de uma postura mais dura do Fed, seguido de recuperação na segunda metade, à medida que parte do prêmio de risco doméstico se dissipou e o petróleo consolidou a queda de volta aos níveis pré-guerra.

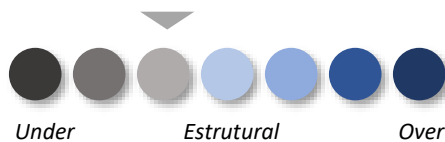
A leitura de posicionamento da indústria, obtida por regressão das cotas contra as principais classes de ativos, mostrou poucas mudanças relevantes na margem. As exposições mais nítidas seguem sendo: (I) posição aplicada em juros locais, reduzida marginalmente frente ao pico dos meses anteriores; (II) posição comprada em bolsa brasileira, ainda em patamar elevado; (III) posição comprada em bolsa americana, agora em nível ainda mais alto; e (IV) posição comprada em dólar contra real sendo fortalecida. No conjunto, a indústria manteve o eixo construtivo em risco global e a preferência por ativos americanos, sem promover realocações estruturais.

No fluxo, a indústria registrou saída de R\$ 14,27 bilhões em junho. No ano, o saldo passou a ser negativo, em R\$ 9,88 bilhões, enquanto em 12 meses ainda acumula captação líquida positiva de R\$ 9,59 bilhões.



Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Azimut Brasil Wealth Management

4. Renda Variável



Em junho, os mercados acionários apresentaram desempenho negativo no Brasil e comportamento misto nos mercados internacionais. O Ibovespa encerrou o mês com queda de -1,01%, enquanto o índice B3 Small Caps recuou -3,28%. No exterior, os mercados desenvolveram-se de forma heterogênea, com o S&P 500 registrando variação de -1,06% e o Nasdaq Composite de -2,81%, enquanto o Euro Stoxx 50 +4,59%, o Nikkei 225 +5,63% e o CSI 300 +1,78% encerraram o período em alta, em suas respectivas moedas locais.

Após meses de volatilidade decorrente das tensões entre Irã e Estados Unidos, o preço do petróleo retornou aos patamares observados antes do conflito, consolidando a redução do prêmio de risco geopolítico iniciada no mês anterior. Ainda assim, as preocupações com a trajetória da inflação permaneceram presentes. O foco dos investidores voltou-se para as primeiras comunicações do Federal Reserve, sob a liderança de Kevin Warsh, que adotou um discurso cauteloso em relação ao processo de convergência da inflação americana para a meta.

Entre os fatores monitorados pelo mercado, destaca-se a forte demanda decorrente do ciclo de investimentos em inteligência artificial, que começa a pressionar preços em diversos segmentos da cadeia global de suprimentos, especialmente no mercado de memórias para data centers. A Coreia do Sul, cuja bolsa possui elevada exposição a esse tema por meio de empresas como Samsung Electronics e SK Hynix, tem sido uma das principais beneficiárias desse movimento. Como reflexo desse aumento de custos, a Apple anunciou reajustes de preços em parte de seu portfólio de produtos. Ao mesmo tempo, o elevado nível de alavancagem presente no mercado sul-coreano tem ampliado a volatilidade do índice Kospi e levantado questionamentos sobre possíveis excessos de *valuation* em algumas empresas do setor, tornando esse um tema relevante para acompanhamento nos próximos meses.



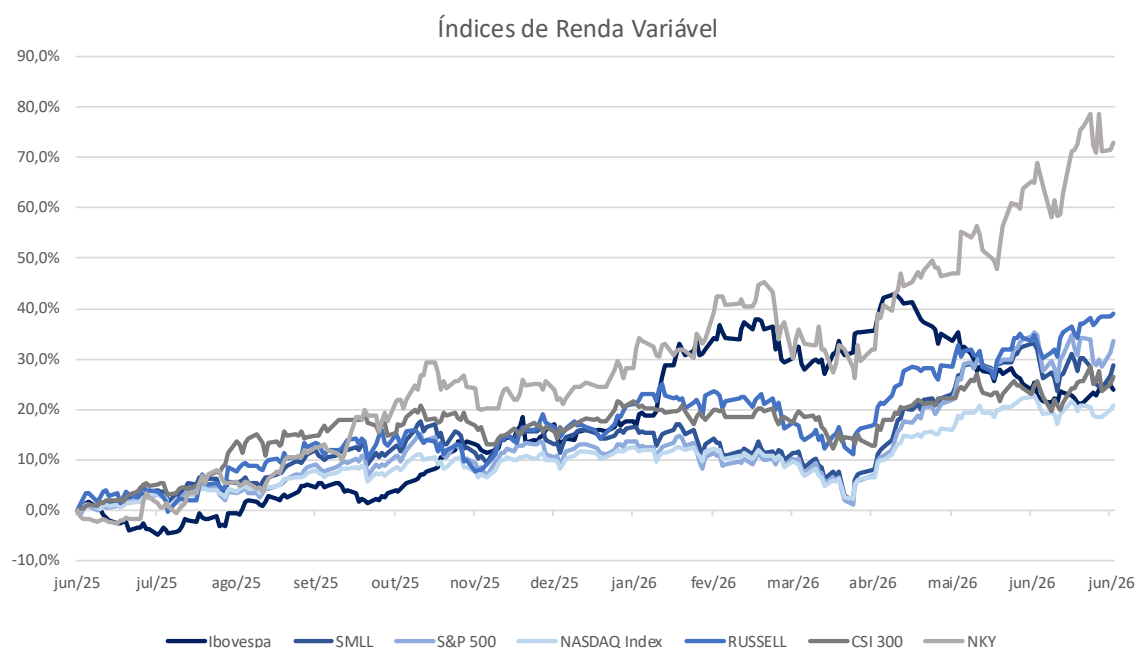
Outro destaque do período foi a estreia bem-sucedida da SpaceX na Nasdaq. A companhia realizou uma oferta correspondente a aproximadamente 5% de seu capital, registrando demanda cerca de quatro vezes superior ao volume ofertado. A operação inaugura um ciclo potencialmente relevante de ofertas públicas esperado para o segundo semestre e passou a ser acompanhada de perto pelos investidores como importante referência para a precificação das empresas de tecnologia.

No Brasil, os mercados seguem buscando precificar os impactos de uma política fiscal expansionista às vésperas do ciclo eleitoral, em um ambiente ainda marcado por desafios inflacionários. Os fundamentos econômicos continuam sugerindo um cenário mais desafiador para os ativos domésticos, mantendo elevada a importância do fluxo de capital estrangeiro como suporte para os preços. Adicionalmente, a perspectiva de um ciclo de flexibilização monetária mais gradual contribuiu para um posicionamento mais cauteloso dos investidores.

No mercado acionário doméstico, o setor de energia foi o principal destaque negativo do mês, acompanhando a acomodação dos preços do petróleo. Em contrapartida, observou-se uma rotação parcial de fluxo para setores mais voltados ao mercado interno, como utilidades públicas e construção civil. Também chamou atenção o avanço do processo de privatização da Copasa, com a definição da Equatorial como acionista de referência.

Para os próximos meses, o principal foco dos mercados deverá permanecer na evolução dos indicadores de inflação, tanto no cenário internacional quanto no doméstico. A avaliação sobre a dissipação dos impactos do choque recente nos preços da energia, impulsionada pela normalização do petróleo, continuará sendo acompanhada de perto pelos investidores. Paralelamente, espera-se uma intensificação das discussões em torno do cenário eleitoral brasileiro e de seus possíveis desdobramentos para a política econômica.

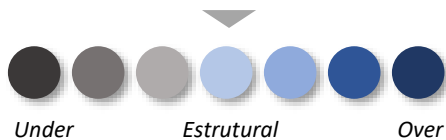
No fluxo de capitais, os investidores estrangeiros acumulam ingresso líquido de R\$ 33,85 bilhões no mercado à vista da B3 em 2026, apesar da saída líquida de R\$ 7,79 bilhões registrada ao longo de junho.



Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Azimut Brasil Wealth Management



5. Câmbio



O real perdeu terreno em junho e devolveu parte da valorização que vinha acumulando. O dólar saiu de R\$ 5,04 e terminou o mês em R\$ 5,16, acompanhando a força da moeda americana no exterior e uma piora na leitura do diferencial de juros entre Brasil e Estados Unidos.

O grosso do movimento veio do exterior. Quando o Federal Reserve endureceu o discurso e passou a admitir novas altas de juros ainda este ano, o dólar ganhou força contra quase todas as moedas, desenvolvidas e emergentes. Para o real, pesaram dois fatores: além do dólar mais forte no mundo, cresceu a percepção de que o diferencial de juros vai se estreitar daqui para frente, com juros caindo aqui e permanecendo altos por mais tempo nos Estados Unidos. Isso tira parte do atrativo do *carry* e enfraquece o suporte que a moeda vinha tendo.

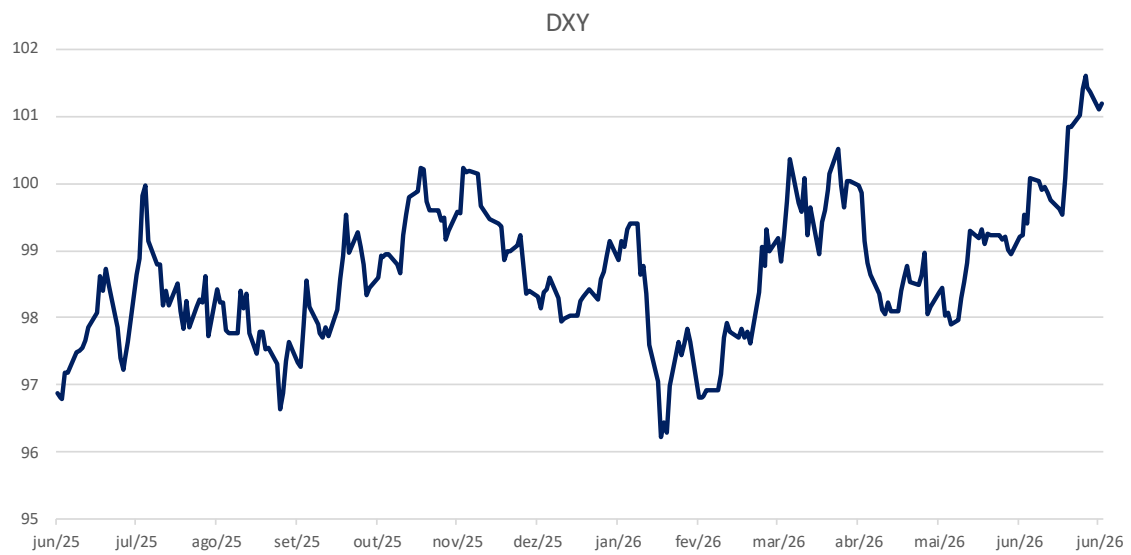
Por outro lado, o petróleo recuou depois do acordo entre Estados Unidos e Irã para encerrar o conflito e reabrir o Estreito de Ormuz. Isso aliviou as pressões de energia, mas não foi suficiente para impedir que o real se desvalorizasse.

Internamente, a política também está fazendo preço. A proximidade das eleições de outubro e a volta da pauta comercial entre Brasil e Estados Unidos ao debate adicionaram prêmio de risco e trouxeram volatilidade para a moeda ao longo do mês.

Mesmo assim, o diferencial de juros continua alto na comparação com o resto do mundo — Selic a 14,25% ante a faixa de 3,50% a 3,75% nos Estados Unidos —, e isso ainda pode manter o real atrativo. Para os próximos meses, o comportamento da moeda será determinado pela combinação de três fatores: os passos do Fed, o preço do petróleo e a evolução do quadro fiscal e político local.



Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Azimut Brasil Wealth Management

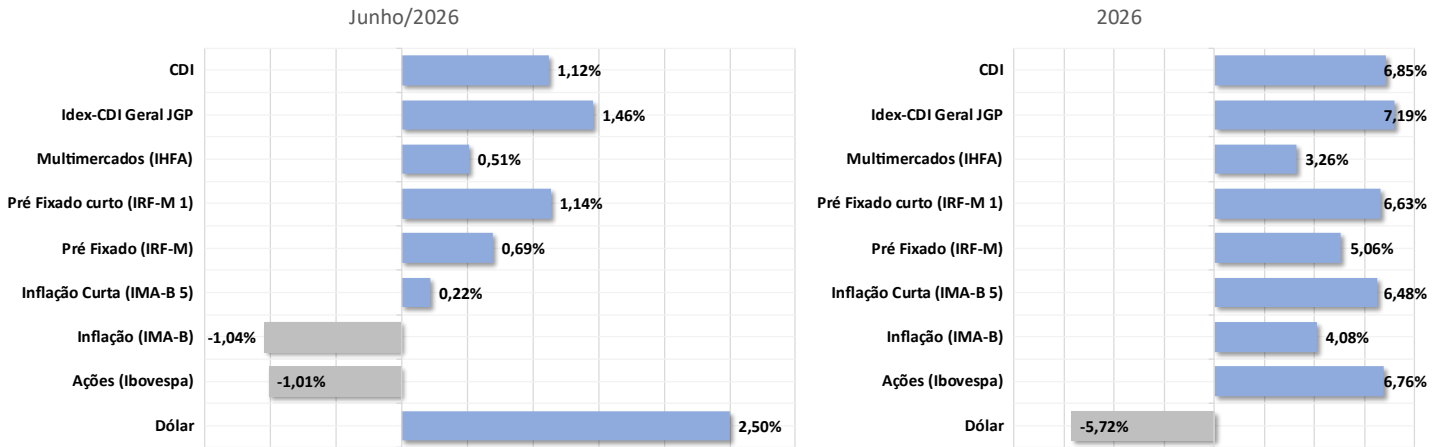


Fonte: Quantum Axis / Elaboração: Azimut Brasil Wealth Management



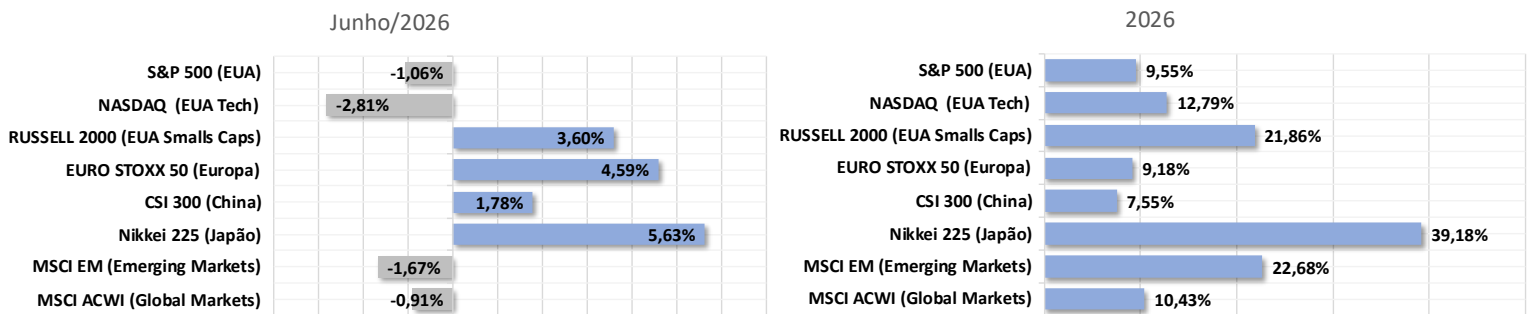
6. Indicadores

Mercados Locais



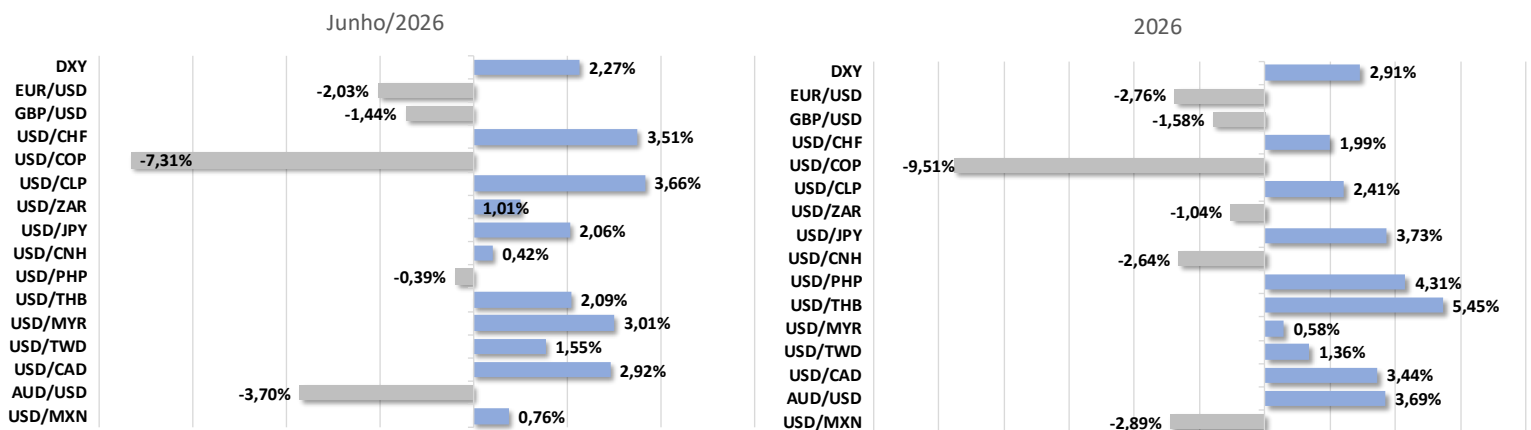
Fonte: Quantum Axis e Bloomberg / Elaboração: AZBWM

Mercados Globais



Fonte: Quantum Axis e Bloomberg / Elaboração: AZBWM

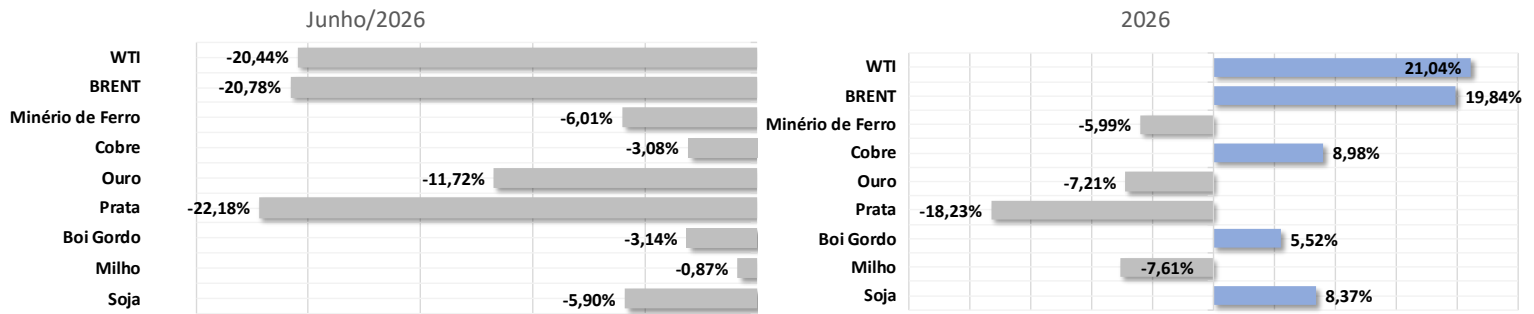
Moedas Selecionadas



Fonte: Bloomberg / Elaboração: AZBWM

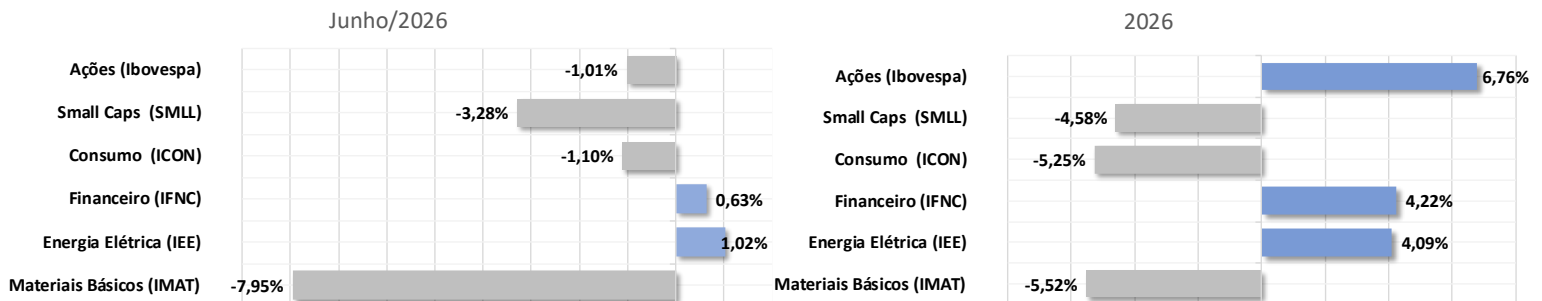


Commodities Selecionadas



Fonte: Bloomberg / Elaboração: AZBWM

Índices Brasil



Fonte: Quantum Axis e Bloomberg / Elaboração: AZBWM

Movimento nas Taxas de Juros Globais em Junho

PAÍS	MOEDA	2 Anos	Δ bps	5 Anos	Δ bps	10 Anos	Δ bps
EUA	USD	4,11%	▲ 8	4,14%	▼ -1	4,37%	▼ -7
CANADÁ	CAD	2,65%	▼ -26	2,85%	▼ -3	3,12%	▼ -6
SUÍÇA	CHF	0,08%	▼ -4	0,26%	▼ -8	0,53%	▼ -10
REINO UNIDO	GBP	4,11%	▲ 3	4,07%	▼ -0	4,34%	▼ -5
ALEMANHA	DEM	2,48%	▼ -0	2,57%	▼ -0	2,88%	▼ -7
ITÁLIA	ITL	2,69%	▲ 1	3,02%	▼ -3	3,61%	▼ -6
ESPAÑA	ESP	2,56%	▼ -0	2,78%	▼ -2	3,29%	▼ -6
JAPÃO	JPY	1,42%	▲ 6	1,93%	▲ 6	2,53%	▲ 8
BRASIL	BRL	14,02%	▲ 17	14,16%	▲ 26	14,15%	▲ 18
MÉXICO	MXN	7,34%	▼ -4	7,90%	▼ -12	8,35%	▼ -15
CHILE	CLP	4,44%	▼ -27	4,72%	▼ -21	5,12%	▼ -15
COLÔMBIA	COP	11,08%	▼ -110	10,16%	▼ -151	9,97%	▼ -149
ÁFRICA DO SUL	ZAR	7,50%	▼ -4	7,88%	▼ -7	8,42%	▼ -13
CHINA	CNY	1,40%	▲ 0	1,45%	▼ -1	1,59%	▼ -2

Fonte: Bloomberg / Elaboração: AZBWM



SOBRE A AZIMUT BRASIL WEALTH MANAGEMENT

Somos a Gestora de Patrimônio do Grupo Azimut no Brasil, que provê soluções de investimento para investidores de alta renda, assessoria e aconselhamento financeiro independente, especializada em alocação de ativos para patrimônios individuais, familiares e empresariais.



Acompanhe nas redes sociais:



Baixe nosso aplicativo:



Disclaimer: Este material é meramente informativo e seu conteúdo é baseado em informações disponíveis ao público. Foi elaborado em caráter de boa-fé a partir de dados obtidos de fontes consideradas confiáveis e, dessa forma, as opiniões ora demonstradas podem ser modificadas a qualquer tempo, sem prévia comunicação. Este documento não representa uma recomendação e/ou expectativa de investimento ou performance para a aquisição de cotas de fundos de investimentos ou outros investimentos, nem deve servir como única base para tomada de decisões de investimento. A rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. Antes de efetuar seus investimentos e, para melhor entendimento dos produtos, recomenda-se a leitura cuidadosa do Regulamento e Prospecto dos Fundos. As aplicações em fundos de investimentos estão sujeitas a riscos de investimento, incluindo a possibilidade de perda do capital investido e aportes adicionais para os fundos que possuam alavancagem. Os fundos de investimentos não contam com a garantia do Administrador do Fundo, do Gestor de Carteira, de qualquer mecanismo de seguro, ou, ainda, pelo Fundo Garantidor de Crédito - FGC. Desse modo, a Azimut Brasil Wealth Management não assume qualquer responsabilidade por quaisquer decisões de investimento baseadas neste documento. Desse modo, ressaltamos que a responsabilidade pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação, bem como suas consequências, é assumida exclusivamente pelo usuário, eximindo a Azimut Brasil Wealth Management de todas as ações decorrentes do uso deste material. O seu conteúdo é destinado exclusivamente à(s) pessoa(s) e/ou organizações indicadas no endereçamento eletrônico, podendo conter informações confidenciais, as quais não podem, sob qualquer forma ou pretexto, serem utilizadas, divulgadas, alteradas, impressas ou copiadas, total ou parcialmente, por pessoas não autorizadas pela Azimut Brasil Wealth Management. Em caso de dúvida, fale com o seu Gerente.



Ouvidoria Azimut Brasil Wealth Management

0800 718 7831 | ouvidoria@azimutwealth.com.br